

ABRINDO AS PORTAS: A VOZ DOS IMIGRANTES E REFUGIADOS

(Opening doors: the voice of immigrants and refugees)

Glaucia Muniz Proença Lara¹
(Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG)

ABSTRACT

In this paper, we intend to give voice to refugees and immigrants that live nowadays in France, analysing some testimonies presented in the exhibition Ouvrons les portes, (Paris, France - October 2015). We consider such testimonies as (micro)life stories, since they describe, even in a few lines, the refugees' and immigrants' routes from their country of origin to France as well as their adaptation to the new reality. For the analysis of the stories selected, we will resort to French Semiotics, in order to seize the representations (of the enunciator, of the other and of the world) that cross such texts. Then, comparing the texts with one another, we intend to gather similar aspects so as to propose an outline of what we may call "the immigrant's/refugee's speech".

Keywords: Discourse. Social exclusion. Representation. Otherness.

RESUMO

Neste trabalho, pretendemos dar a palavra a refugiados ou imigrantes que vivem, atualmente, na França, examinando alguns depoimentos apresentados na exposição Ouvrons les portes (Paris - França, outubro de 2015). Consideramos tais depoimentos como (micro)narrativas de vida, já que se trata de textos que falam, mesmo que em poucas linhas, da trajetória desses sujeitos entre seu país de origem e a França, bem como de sua adaptação à nova realidade. Para a análise das narrativas selecionadas, buscaremos o auxílio da Semiótica Discursiva, de modo a apreender as representações (do eu/enunciador, do outro e do mundo) que atravessam tais textos. Em seguida, comparando-os entre si, buscaremos chegar às invariantes que apontem para uma possível configuração do que se poderia denominar "discurso do imigrante/refugiado".

Palavras-chave: Discurso. Exclusão social. Representação. Alteridade.

INTRODUÇÃO

A História é, em geral, contada do ponto de vista do dominador, sendo a voz do outro – o dominado – desconsiderada, abafada e mesmo silenciada. Seu eco permanece, porém, nos vãos, nas fissuras do sistema, esperando a oportunidade de ser ouvida (LARA; LIMBERTI, 2015). À luz dessa premissa, propomo-nos, no presente artigo, a dar a palavra aos habitualmente “sem voz”, ouvindo o que os próprios sujeitos – no caso, imigrantes e refugiados que vivem, atualmente, na França – têm a dizer de si, do outro e do mundo.

A temática aqui proposta ganha especial relevo na atualidade, em que assistimos a uma “invasão” crescente de pessoas que, fugindo da guerra, da fome, da pobreza, rumam,

¹ Doutora em em Semiótica e Linguística Geral (1999) pela USP, é atualmente professora da Faculdade de Letras/UFMG, onde atua na graduação e na pós-graduação na área de Estudos Textuais/Discursivos. Entre suas publicações, destacam-se as coletâneas *Discurso e (des)igualdade social* (Contexto, 2015) e *Representações do outro: discurso, (des)igualdade e exclusão* (Autêntica, 2016), organizadas com Rita de Cássia P. Limberti.

principalmente, para o continente europeu, tornando-se, assim, um “problema” de proporções mundiais. Segundo a ACNUR (Agência da ONU – Organização das Nações Unidas – para os Refugiados), um total de 705.200 migrantes e refugiados cruzaram o Mediterrâneo no decorrer de 2015, dos quais 562.355 chegaram à Grécia e 140 mil à Itália, aí permanecendo ou rumando, em seguida, para outros países, como Alemanha e França².

Cabe esclarecer, antes de mais nada, a distinção entre refugiado e migrante. Ainda de acordo com a ACNUR, refugiados são pessoas que escaparam de conflitos armados ou perseguições. Com frequência, sua situação é tão perigosa e intolerável que devem cruzar fronteiras internacionais para buscar segurança em outros países, assumindo, então, o *status* de “refugiado”, o que lhes garante reconhecimento internacional e acesso à assistência dos Estados, da ACNUR e de outras organizações. Já os migrantes são os que escolhem se deslocar não por causa de uma ameaça direta de perseguição ou morte, mas, principalmente, para melhorar de vida em termos de trabalho e/ou educação, por razões de reunião familiar, entre outras. À diferença dos refugiados, que não podem voltar ao seu país, os migrantes continuam recebendo a proteção do seu governo³.

Ora, se, com frequência, são as autoridades e outros porta-vozes que falam sobre e pelos refugiados/imigrantes, há também espaços alternativos que acolhem a “voz” dos habitualmente “inaudíveis” e a transpõem para outras instâncias (outros dispositivos de comunicação). É o caso da exposição *Ouvrons les portes*, organizada pelos *Médecins du Monde*, em Paris, de 15 a 18 de outubro de 2015, com o objetivo maior de mudar o olhar sobre a (i)migração.

A referida exposição, montada na *Place de la République*, trazia várias cabines enfileiradas e trancadas à chave, cabendo ao visitante, literalmente, abrir as portas para ver as fotos e ler as histórias de refugiados ou imigrantes e também de pessoas que trabalham com eles (médicos, psicólogos, etc.). Seleccionamos, para análise, quatro dos inúmeros depoimentos apresentados⁴, tomando-os, na esteira de pesquisadores como Daniel Bertaux e Ida Lucia Machado, como (micro)narrativas de vida, já que se trata de textos que resumem, em poucas linhas, a longa trajetória do refugiado/imigrante entre seu país de origem e a França, bem como sua adaptação à nova realidade. Embora tudo indique que esses relatos foram obtidos oralmente, sob a forma de entrevistas, e, posteriormente, transcritos/editados,

² Informações disponíveis em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/10/mais-de-700-mil-migrantes-chegaram-europa-pelo-mediterraneo-em-2015.html>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

³ Se o termo *migrante* refere-se, em geral, a quem se desloca de um país para outro, *emigrante* é aquele que deixa seu país de origem para viver em outro lugar, enquanto *imigrante*, o que entra num outro país para nele viver, como é o caso dos participantes da exposição francesa. Daí, privilegiarmos aqui o termo *imigrante*.

⁴ Disponíveis no site oficial: <<http://www.ouvronslesportes.medecinsdumonde.org>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

perdendo, nesse processo de retextualização, alguns aspectos inerentes à construção de sentidos⁵, acreditamos que as ideias mais relevantes foram mantidas.

Nessa perspectiva, buscaremos o auxílio da semiótica discursiva, mobilizando, a partir do dispositivo teórico-metodológico que ela propõe – o chamado percurso gerativo de sentido –, algumas estruturas narrativas e discursivas (as relações entre sujeitos e entre estes e os objetos; as paixões em jogo; as projeções das categorias de pessoa, tempo e espaço; os temas e as figuras) que permitam examinar o plano de conteúdo dos textos selecionados, de modo a apreender as representações (do eu/enunciador, do outro, do mundo) neles inscritos. Comparando, posteriormente, as quatro narrativas de vida examinadas, buscaremos chegar a uma espécie de “núcleo sêmico comum” que, para além das variações inerentes a cada uma delas, poderia ser tomado como um primeiro esboço do “discurso do refugiado/imigrante”.

1 CONCEITUANDO “NARRATIVA DE VIDA”

A expressão “narrativa de vida” (“*récit de vie*”) foi introduzida na França, em meados da década de 1970, pelo sociólogo Daniel Bertaux⁶. Até então, o termo consagrado, em Ciências Sociais, era “história de vida” (“*histoire de vie*”), uma tradução literal do inglês *life story*, termo que, segundo Bertaux (2005, p. 11), não distinguia, adequadamente, a história vivida por alguém do relato que dela poderia ser feito. Para esse autor, que diz filiar-se a uma perspectiva realista, a narrativa de vida constitui uma descrição aproximada de uma história (objetiva e subjetivamente) vivida.

Falar de *life story* ou, mais especificamente, de *storytelling* relembra o livro homônimo do também francês Christian Salmon (2007), que traz o curioso subtítulo: “A máquina para fabricar histórias e formatar os espíritos” (*La machine à fabriquer des histoires et à formater les esprits*). Afirmando que a narrativa é uma forma de contar as histórias importantes da/para a humanidade que existe desde os tempos das pinturas rupestres dos homens das cavernas, Salmon admite ter havido nos Estados Unidos, a partir da segunda metade da década de 1990, uma espécie de “renascimento do *storytelling*”, conhecendo essa forma de comunicação um estrondoso sucesso (SALMON, 2007, p. 8-10). Mas o livro de Salmon alerta para o uso excessivo dessa “nova moda” que, longe de funcionar apenas como

⁵ Segundo Ducard (2015, p. 111), que cita Barthes (1981), perdem-se, entre outros aspectos, “a ‘inocência’ exposta na fala viva e imediata, isto é, as instabilidades, as hesitações, as incompreensões, a complacência, as interrupções, tudo o que faz a versatilidade do eu social...”. Sugere, porém, que o pesquisador suponha ser “a transcrição [...] fiel à elocução, ainda que obedeça às normas convencionais da escrita (segmentação e pontuação, ortografia)”, atitude que assumimos aqui.

⁶ Até onde sabemos, a tradução de *récit de vie* para “narrativa de vida” é de responsabilidade da pesquisadora brasileira Ida Lucia Machado.

um recurso para compreender e ordenar o mundo, pode transformar-se em (mais) um mecanismo de controle, em domínios como o político e o midiático.

Concordando com Salmon (2007) quanto ao poder do *storytelling*, diremos, porém, que o viés que nos interessa aqui é aquele que se associa a pessoas comuns, que, ao relatarem sua vida, saem, mesmo que momentaneamente, do anonimato e se dão a conhecer ao outro. É, parece-nos, a perspectiva da exposição *Ouvrons les portes*. Apesar disso – ou talvez por isso –, não podemos desprezar o alto teor persuasivo/argumentativo que assumem as (micro)narrativas de vida de refugiados e imigrantes, na medida em que agem sobre o enunciatário, suscitando sentimentos que vão da solidariedade à indignação⁷, pois se trata, via de regra, de pessoas fragilizadas e vulneráveis. Há, pois, um evidente apelo ao *páthos*, situando-se a narrativa de vida entre as “estratégias de captação” (CHARAUDEAU, 1992, p. 698) do público-leitor.

Se Salmon (2007) e Bertaux (2005) situam-se na perspectiva das Ciências Sociais (sobretudo da Sociologia e da Antropologia) para abordar as narrativas de vida, seguiremos numa outra direção: a da Análise do Discurso (em sentido amplo). Assumimos, assim, uma perspectiva analítico-discursiva, a exemplo de pesquisadores como Machado (2011; 2013; 2015; 2016, entre outros), Machado e Lessa (2013) e Ducard (2015).

Uma narrativa de vida deve ser entendida, segundo Machado (2011), como o relato que um sujeito faz de sua vida e de suas relações com a sociedade e com o mundo que o rodeiam. Nessa perspectiva, o *eu* que escreve/fala, na presente instância da enunciação, aquele do *aqui* e do *agora*, (re)cria, a partir de certos acontecimentos que protagonizou, um *outro*, aquele do *lá* e do *então*, dando, assim, via linguagem, um melhor contorno a suas experiências de vida (MACHADO; LESSA, 2013). Há, pois, um deslizamento da *pessoa* ao *personagem*, como se o sujeito construísse uma nova versão de si mesmo (ARFUCH, 2010).

Não podemos também perder de vista que, nas “narrativas de vida”, há um embate entre realidade e ficção, pois aquele que conta sua história, recolhe vestígio do passado e os (re)organiza da melhor maneira possível para se dizer no *aqui-agora*. Assim, o recurso à ficção é recorrente na tarefa de reunir lembranças para compor uma história de vida, visto que, frequentemente, passamos de fatos a impressões e sentimentos sobre esses fatos. Como afirma Machado (2013, p. 4):

[...] na narrativa de vida, a ficção entra de modo natural, como uma

⁷ É claro que outras “paixões”, como o medo, o ódio, o desprezo ou mesmo a indiferença, podem ser suscitadas, para além da finalidade maior da exposição, que é a de sensibilizar as pessoas para os problemas da imigração.

estratégia de captação do interlocutor, em um discurso que busca relatar o factual. A narrativa de vida é um bom exemplo da junção factual mais ficcional: quem garante que, ao contar sua vida, um ser falante não estará dando a esta uma nova cor? Falar do passado – seja este remoto ou próximo – é algo envolvente que abre as portas para um mundo que talvez esteja somente nos sonhos do ser comunicante: tal mundo pode revelar-se poético, trágico, cômico etc.

Posição semelhante à de Machado (2013) é assumida por Charaudeau (1992, p. 712-713). No seu entender, se o ato de contar é uma atividade posterior à existência de uma “realidade passada” (inventada ou não), ela implica, simultaneamente, o nascimento de um outro universo, o “universo contado”. Nessa perspectiva, nada garante que uma dada narrativa possa ser “o reflexo fiel de uma realidade passada”, ainda que ela tenha sido vivida pelo sujeito que (se) conta. Em suma: as memórias de alguém são sempre reconstruções e, por isso, são histórias que oscilam entre efeitos de real e efeitos de ficção.

É preciso considerar ainda que, no caso de imigrantes e refugiados, suas vozes, atravessadas por essa duplicidade de efeitos inerentes à narrativa, refletem não apenas suas experiências pessoais, mas também revelam aspectos da sociedade de um determinado país, num dado momento histórico. Nessa perspectiva, segundo Machado (2016), mesmo vidas aparentemente “sem-graça” impregnam-se de fragmentos reveladores da história de um povo. Trata-se, pois, das “pequenas histórias” que vão tecendo a “grande” história na tensão entre o vivido e o revivido pela lembrança, entre a objetividade e a subjetividade do (se) contar.

Para analisar essas “pequenas históricas”, como foi dito, recorreremos a algumas categorias da Semiótica Discursiva, uma das teorias que se situam no amplo domínio da análise do discurso.

2 QUESTÕES DE SEMIÓTICA DISCURSIVA

Tomada, em linhas gerais, como uma “teoria da significação”, a Semiótica Discursiva – também chamada de semiótica francesa ou greimasiana (em homenagem a seu fundador: Algirdas Julien Greimas) – volta-se para a explicitação das condições da apreensão e da produção do sentido. Privilegia, pois, a abordagem do texto como objeto de significação, preocupando-se em estudar os mecanismos que o engendram, que o constituem como um todo significativo. Com isso, não se deve entender que a teoria semiótica ignora as determinações sócio-histórica-ideológicas que fazem do texto também um objeto histórico, mas apenas que dirige seu olhar prioritariamente em outra direção: a que procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz. Examina, portanto, em primeiro lugar, o seu

plano de conteúdo⁸, que é concebido sob a forma de um *percurso* que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto. Trata-se do *percurso gerativo de sentido*, modelo teórico-metodológico que “simula” a produção e a interpretação do conteúdo de um texto⁹.

O percurso gerativo compreende três níveis – o fundamental, o narrativo, e o discursivo, cada um deles dotado de um componente sintático e um componente semântico – dos quais reteremos algumas categorias que julgamos mais produtivas para o exame das narrativas de vida selecionadas. O primeiro nível – mais simples e abstrato – abriga as categorias semânticas que estão na base da construção do texto, ou seja, oposições do tipo *a vs. b* (por exemplo: vida *vs.* morte), enquanto as operações sintáticas de negação e asserção permitem que se instaurem as seguintes relações na sucessividade do texto: • afirmação de *a*, negação de *a*, afirmação de *b*; ou • afirmação de *b*, negação de *b*, afirmação de *a*.

O nível subsequente – o narrativo – é a instância de atualização dos valores que, inscritos em objetos (o que os torna objetos de valor – Ovs) são, então, assumidos por um sujeito. Na sintaxe narrativa, temos o chamado “enunciado elementar”, que consiste na relação entre um sujeito e um objeto, que pode ser tanto uma relação de conjunção (o sujeito tem o objeto) quanto uma relação de disjunção (o sujeito não tem o objeto). Nos textos, em geral, ocorre a passagem de um estado a outro. Nessa perspectiva, todo e qualquer texto é dotado de narratividade, sendo esta entendida como uma transformação de estados (real ou potencial) que afeta a relação entre sujeito e objeto.

A estrutura constituída de um enunciado de fazer regendo um enunciado de estado, o que permite a transformação de estados (da conjunção à disjunção ou vice-versa) é denominada programa narrativo (PN), constituindo a unidade elementar operatória da sintaxe narrativa. As transformações narrativas articulam-se numa sequência canônica, que compreende quatro fases ou quatro PNs que se pressupõem: *manipulação, competência, performance e sanção*. Assim, além das relações entre sujeitos e objetos, ocorrem relações entre sujeitos que manipulam/são manipulados, julgam/são julgados, disputam um mesmo Ov e etc., o que mostra, pois, o nível narrativo como um simulacro da ação do homem no mundo.

As relações que se instauram entre sujeitos (no caso, refugiados e imigrantes) e os Ovs positivos ou negativos com que eles se confrontam (por exemplo, seu país de origem ou o novo país que os recebe), bem como as relações que eles assumem com outros sujeitos nessa

⁸ Lembremos que, para a teoria semiótica, o texto implica a junção de um plano de conteúdo (o do discurso) com um plano de expressão (a(s) linguagem(ns) que veicula(m) o conteúdo). O plano de expressão (no caso, verbal) não será objeto de análise no presente artigo.

⁹ Para uma exposição mais completa do percurso gerativo de sentido, remetemos o leitor interessado a Barros (2002), Fiorin (1989; 2008), Lara (2012), Lara e Matte (2009), entre outros.

trajetória serão tomadas como uma de nossas categorias de análise.

Já no âmbito da semântica narrativa, estudam-se as modalidades: *querer, dever, poder* e *saber* fazer ou ser. A modalização pelo fazer incide sobre o sujeito operador (ou sujeito de fazer), ou seja, aquele que realiza a *performance*, entendida como a transformação principal da narrativa. Por sua vez, a modalização pelo *querer, dever, poder* e *saber* ser dá existência modal ao sujeito de estado (ou seja, aquele que sofre a transformação), incidindo sobre as relações que ele mantém com os objetos e com outros sujeitos, o que desemboca na “semiótica das paixões”.

Se, como admitimos anteriormente, o sujeito, ao (se) contar, não se atém apenas aos fatos, mas manifesta impressões e sentimentos sobre si e sobre o mundo que o cerca, podemos supor que, no discurso dos imigrantes/refugiados, emergirão “paixões” positivas e/ou negativas que vão revelar seus “estados de alma” nas diferentes etapas da imigração.

Chegamos ao último patamar do percurso gerativo – o nível discursivo. Um primeiro aspecto a ser analisado no componente sintático são as projeções (de pessoa, tempo e espaço) da enunciação no enunciado, o que constrói dois grandes efeitos de sentido: o de subjetividade, resultante da instalação de um *eu-aqui-agora* no texto (debreagem enunciativa) ou de objetividade, quando ocorre a projeção de um *ele-lá-então* (debreagem enunciativa).

Como vimos, com Machado e Lessa (2013), nas narrativas de vida, o *eu* que escreve/fala, na presente instância da enunciação, aquele do *aqui* e do *agora*, (re)cria, a partir de certos acontecimentos que protagonizou, um *outro* (um *ele*), aquele do *lá* e do *então*. Daí a importância de examinarmos, nos relatos selecionados dos imigrantes/refugiados, as projeções de pessoa, tempo e espaço.

Um segundo aspecto da sintaxe discursiva diz respeito às relações entre enunciatário e enunciatário, já que persuadir o outro é a finalidade última de todo ato de comunicação. Nesse jogo de persuasão, o enunciatário utiliza-se de certos procedimentos argumentativos (linguísticos e lógicos), visando a levar o enunciatário a admitir como certo, como válido o sentido produzido. Ora, se consideramos as narrativas de vida como um poderoso recurso argumentativo/persuasivo – o que seria, na verdade, o fim último da exposição *Ouvrons les portes*: agir sobre o público-leitor –, não podemos deixar de abordar também esse aspecto.

A semântica argumentativa, por sua vez, estuda os elementos que revestem os esquemas narrativos abstratos, ou seja, os temas (investimentos semânticos, de natureza puramente conceptual) e as figuras (termos que remetem ao mundo natural). Os textos podem ser predominantemente temáticos, como os filosóficos e científicos, que buscam organizar, justificar ou explicar a realidade, ou preponderantemente figurativos, como é o caso dos

textos literários e, é claro, das narrativas de vida, na medida em que contam uma história que se vale, sobretudo, de elementos concretos – as figuras – para criar um simulacro do mundo. No entanto, é preciso recuperar os temas que subjazem às figuras, pois são eles, afinal, que as “iluminam”, que lhes dão sentido. Lembremos ainda que são os temas e as figuras – e seus encadeamentos: os percursos temáticos e figurativos – que constituem, nos textos, o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. Daí nosso interesse em apreender os temas e as figuras que respondem pelas nuances ideológicas das narrativas de vida, já que aqueles que (se) contam são, em geral, indivíduos que vivem à margem de uma “nova” sociedade, na qual nem sempre encontram seu lugar. São “sombras de indivíduos, cuja identidade já existiu em uma outra vida *normal*, segundo os ditames da sociedade” (MACHADO, 2015, p. 135).

Em relação às quatro (micro)narrativas de vida que analisaremos a seguir, dois critérios principais guiaram a nossa escolha: 1) privilegiamos textos de autoria de refugiados ou imigrantes, eliminando aqueles assinados por profissionais que lidam com esses grupos minoritários; 2) buscamos depoimentos de pessoas de diferentes sexos e idades, oriundas de países distintos e com profissões também distintas, de modo a obter uma amostra o mais fidedigna possível do conjunto de textos da exposição.

Resta, finalmente, esclarecer que não temos a pretensão de fazer “a” leitura, mas apenas uma leitura entre outras possíveis. Nesse sentido, assumimos, com Charaudeau (1983, p. 57), que o trabalho de um analista do discurso não é senão um *possível interpretativo*, mantendo-se o *corpus* aberto a outras (novas) leituras.

3 ANÁLISES SEMIÓTICAS DAS NARRATIVAS DE VIDA

As narrativas, a seguir, foram mantidas na língua em que foram originalmente coletadas – o francês –, porque acreditamos que a tradução, por melhor que fosse, implicaria a perda de efeitos de sentido relevantes para a análise. Dito isso, passemos a elas.

Narrativa 1:

Je vis et travaille en France, ma Syrie au cœur : une famille empressée qui nous attend, mes parents et moi à l'aéroport, les ruelles magiques, l'accent typique qui me fait sourire, les cafés, la prière qui résonne au lever du soleil, le ciel aux nuances de rose, la musique, les restaurants en plein air dans des patios historiques, les plats de ma grand-mère, la dabké endiablée entre cousins, nos discussions sans fin sur la terrasse familiale qui sent le jasmin, la bienveillance, les sourires, les saveurs, une spiritualité hors du temps, les anecdotes, la beauté des paysages, des bâtiments sculptés à la main, la grande mosquée des Omeyyades, plus belle que toutes celles que j'ai pu voir... Aucun conflit, aucune personne ne m'enlèvera ces souvenirs. J'ai hâte de revivre ces choses, accompagnée des gens que j'aime, et de faire découvrir enfin à mes proches ces ressentis et merveilles, intacts dans mon esprit.
(Rime Arodaky, créatrice)

A produtora síria resume sua situação atual em menos de uma linha: “Eu vivo e trabalho na França”. As outras dez linhas do texto são dedicadas à descrição do seu país de origem, uma descrição em que, de forma bastante clara, efeitos de realidade (apreensíveis, por exemplo, na remissão a certos lugares) se mesclam a efeitos de ficção. Ela resgata, assim, as “brumas do passado” e as reorganiza, da melhor forma possível, para compor sua história de vida, para se dizer no *aqui-agora*. Trata-se, pois, de uma descrição eivada de impressões e sentimentos – e mesmo de efeitos de poeticidade –, que pode ser resumida na frase “*minha Síria no coração*” (grifo nosso), que se contrapõe ao “Eu vivo e trabalho na França”. É como se Rime Arodaky estivesse fisicamente na França (por necessidade), mas emocionalmente na Síria (pelo desejo).

Vemos, assim, um sujeito que, em conjunção com um primeiro Ov – o país de partida (Ov1) –, passa à disjunção com ele e à conjunção com um novo Ov – o país de chegada (Ov2). Ov1 é (re)criado na imaginação do sujeito de forma extremamente positiva (como as inúmeras figuras do nível discursivo permitem apreender). Diríamos mesmo que se trata de uma (re)criação maniqueísta, já que os valores negativos são sistematicamente silenciados (a não ser por uma rápida remissão a “conflito”, no final do texto, que relembra a guerra vivenciada pelo povo sírio há pelo menos quatro anos). Já em Ov2 – o país de chegada – inscrevem-se apenas valores ligados à sobrevivência (viver, trabalhar), o que contrasta com Ov1, cuja descrição beira a de um paraíso terrestre: um lugar sem problemas, sem mazelas, sem dificuldades de qualquer ordem. Ov1 (figurativizado como Síria) mostra-se, pois, como um objeto desejável (*querer-ser*), mas impossível (*não-poder-ser*), gerando no sujeito “estados de alma”, que poderiam ser descritos como saudade, nostalgia ou até mesmo uma certa frustração de não (poder) estar mais em conjunção com ele (a não ser pela memória). Em contrapartida, o Ov2 (figurativizado como França), ainda que se mostre necessário e/ou proveitoso (*dever-ser*) para o sujeito, permite apreender um certo desinteresse (*não-querer-ser*) da parte deste, haja vista a pouca importância conferida à descrição do país nessa micronarrativa de vida.

Do ponto de vista das projeções de pessoa, tempo e espaço, trata-se de um *eu* (debreagem actancial enunciativa) que fala, inicialmente, de um *aqui* (na França) e de um *agora* (no presente), que consistem também em debreagens enunciativas (de tempo e espaço): “Eu vivo e trabalho na França”. A maior parte do texto, no entanto, é dedicada a um *lá* (na Síria) e a um *então* (no passado), que, no entanto, são presentificados, aproximados da presente instância da enunciação, perdendo, em grande parte, seu caráter enuncivo. Em lugar dos tempos do sistema do passado (pretérito imperfeito, pretérito perfeito 2, futuro do

pretérito, etc.), que poderiam ter sido empregados, a enunciadora usa o presente, o pretérito perfeito 1¹⁰ e o futuro do presente, que são tempos enunciativos. Como afirma Fiorin (1989, p. 41), em sua análise da “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, ocorre “uma comparação repleta de subjetividade entre o espaço enunciativo e o espaço enuncivo [mostrando-se que] o lá é melhor do que o aqui”.

Quanto aos temas e figuras, observamos a predominância de um percurso figurativo extenso, que poderíamos denominar PF da *perfeição* ou PF da *idealização nostálgica*, haja vista as numerosas figuras de cunho positivo que a enunciadora emprega na (re)construção de seu país de origem pelo viés da lembrança: *a família solícita, as ruas mágicas, o sotaque típico, as orações, a bela mesquita, o céu com nuvens cor de rosa, a música, os restaurantes ao ar livre, os cafés, os sorrisos, os sabores, os edifícios esculpidos à mão*, entre muitas outras. Tais figuras se encadeiam sob o tema maior da perfeição/idealização, subsumindo aspectos (subtemas) variados, que vão dos familiares aos culturais, passando pelos linguísticos, religiosos, etc. Nesse percurso, a enunciadora se cala sobre tudo o que poderia “manchar” essa condição (perfeita) de país ideal, que em nada lembra um país real, com seus problemas e dificuldades.

Como vimos, a única figura negativa que aparece no texto é “conflito”, que, assim mesmo, é mencionada uma única vez e (re)negada: “nenhum conflito”, o que destoa das muitas outras figuras positivas apresentadas na descrição (predominantemente subjetiva) da Síria. Assim, constatamos, nesse primeiro texto, a existência de uma vida passada feliz e harmônica, cujo detalhamento contrasta com a laconicidade com que a enunciadora se refere à França. Tudo indica que a situação atual de Rime Arodaki está longe de ser plena das “maravilhas e experiências” vivenciadas no seu “país do coração”. Não podemos deixar de pensar, aqui, no *outro-estranho-estrangeiro* que não se encaixa muito bem no país para o qual imigrou, o que o leva a “viver de lembranças”. Estas são reelaboradas, ficcionalizadas, presentificadas, de modo a fazer com que, por meio delas, o imigrante/refugiado possa suportar a situação atual de exílio. Apesar disso, sua descrição, por mais subjetiva/ficcionalizada que seja, nos fornece um retrato da Síria e da cotidianidade de seu povo, pelo menos em tempos de “normalidade”.

¹⁰ O pretérito perfeito 1 é um tempo enunciativo, indicando uma não concomitância (anterioridade) em relação ao agora da enunciação. O pretérito perfeito 2, por sua vez, é um tempo enuncivo, indicando uma concomitância em relação a um marco temporal pretérito instalado no enunciado.

Narrativa 2:

Je suis née à Arad. En Roumanie, mon père travaille dans une mine, ma mère est ébéniste. Je garde le souvenir d'une enfance heureuse, d'un pays merveilleux. Je me souviens de longues promenades dans la montagne avec mes parents, on cueillait des myrtilles et des champignons. Puis mon père perd son travail et nous partons rejoindre une partie de notre famille en France. Ma mère me dit : "Nous serons plus heureux là-bas qu'ici." Je quitte mes amis, mon école, nous laissons notre appartement familial pour vivre dans un bidonville, en région parisienne. Les conditions de vie sont si difficiles que je pleure tous les soirs pendant deux ans. Je sens parfois de la discrimination et de la violence. À l'école, on me dit, par exemple, que je vole des vélos après la classe. Que les Roms sont comme ça, que je n'irai pas très loin. C'est difficile de croire en ses rêves quand on vit sous une tente. Une dame vient de me proposer d'être fille au pair dans sa famille. Je vis avec eux et je continue d'aller au lycée. Je peux de nouveau croire en mon avenir. J'aimerais être avocate. (**Gyongy Cojocar, lycéenne**)

Diferentemente da produtora síria, a estudante romena começa falando do passado: “Nasci em Arad”. Descreve uma “infância feliz” num “país maravilhoso” até que um problema maior – a perda do emprego do pai – faz com que sua família vá ao encontro de parentes na França. A expectativa é a de recuperar (ou aumentar) o estado de felicidade de que eles desfrutavam na Romênia. Essa previsão, porém, não se concretiza. Gyongy Cojocar passa a ser discriminada, a sofrer preconceito na escola. Lembremos que os romenos – frequentemente identificados como ciganos ou como *roms*, embora nem todos o sejam – são associados a estereótipos de roubo, de alcoolismo, de rapto de crianças, etc. (TURPIN, 2016). Isso fica patente quando a estudante diz que a acusam de roubar bicicletas depois da aula. A “luz no fim do túnel” vem pelo convite que a adolescente recebe de ser babá numa família, podendo viver novamente numa casa e continuar seus estudos, de modo a retomar seu sonho de ser advogada, o que lhe permite “crer novamente no futuro” e, como fica implícito (subentendido), recuperar sua dignidade, afastando-se da discriminação associada a seu povo.

Muitos aspectos distinguem esta narrativa da anterior, porém o que chama a atenção, de imediato, é o fato de a estudante dedicar boa parte de seu relato às dificuldades de adaptação na França, que passam, por exemplo, pelo enfrentamento de condições precárias de sobrevivência, como morar numa favela da região parisiense, além de experimentar situações de violência (simbólica) no dia a dia. A descrição do país de sua infância também parece ser menos subjetiva e mesmo menos ficcionalizada do que a anterior.

Quanto às semelhanças, constatamos também aqui um sujeito que, inicialmente em conjunção com um O_v – o país de partida (O_{v1}) –, passa à disjunção com ele e à conjunção com um novo O_v – o país de chegada (O_{v2}) –, o que, como não poderia deixar de ser, constitui uma “transformação de estados” recorrente na vida de imigrantes/refugiados. O que muda são as relações que o sujeito mantém com esses O_v s em cada narrativa. Além disso, O_{v1} é (re)criado de forma positiva (como mostram as figuras do nível discursivo: *longas*

caminhadas na montanha para colher mirtilos e cogumelos, etc.), pelo menos até que um “acontecimento” (ZILBERBERG, 2007) entra abruptamente no campo de presença do sujeito e abala a “infância feliz” no “país maravilhoso”: o pai, em conjunção com o “objeto” emprego (no qual se inscrevem valores como subsistência familiar e segurança), entra em disjunção com ele, fazendo com que a família realize a *performance* de mudar de país para tentar melhorar de vida.

A disjunção com Ov1 (Romênia) implica, para o sujeito que (se) conta, a perda de valores positivos, como amizade, segurança, tranquilidade, valores esses que são substituídos por outros negativos na nova conjunção (com o Ov2 França): uma tenda na favela, violência, discriminação. Na relação com outros sujeitos, ele passa a ser manipulado por provocação (é acusado de ser ladrão e de acomodado) e sancionado negativamente não por aquilo que fez (ou não fez), mas por aquilo que é: “[...] os *roms* são assim mesmo e eu não irei muito longe”. O sujeito é, pois, o excluído, o segregado na terra do outro. Nessa perspectiva, como bem lembra Barros (2015), discursos intolerantes são, em geral, discursos de sanção.

Daí as “paixões” da tristeza e da mágoa vivenciados na situação pós-imigração (“Eu choro todas as noites...”), sentimentos que substituem a felicidade da infância na Romênia (pelo menos até o “acontecimento” desencadeado pela perda de emprego do pai). Contudo, diferentemente da produtora síria que “vive de lembranças”, ou seja, esteia-se numa (re)construção positiva do passado para poder suportar a situação atual, a estudante romena reassume, após a tristeza dos primeiros anos, a esperança de um futuro melhor no país em que está (“Eu posso novamente crer no meu futuro. Eu gostaria se ser advogada”).

Quanto às projeções enunciativas, o *eu* que (se) conta usa, predominantemente, os tempos do sistema do presente (presente do indicativo, pretérito perfeito 1, futuro do presente)¹¹, mesmo quando fala de um antes mais longínquo (a infância na Romênia) ou de um antes mais recente (os primeiros anos de vida na França). Nesse sentido, ocorre uma neutralização entre os tempos enunciativos (os do agora) e os tempos enuncivos (os do antes), em proveito dos primeiros, recorrendo a enunciadora, portanto, a embreagens¹². Veja-se, por exemplo, que, ao invés de dizer: “Na Romênia, meu pai trabalhava numa mina e minha mãe era entalhadeira”, utilizando o pretérito imperfeito, que é um tempo enuncivo (pertencente ao sistema do pretérito), ela diz: “Na Romênia, meu pai *trabalha* numa mina e minha mãe *é* entalhadeira” (utilizando o presente do indicativo em lugar do imperfeito). Ou em período

¹¹ Apenas no final do texto, a enunciadora usa o tempo enuncivo “gostaria” (futuro do pretérito) como forma de atenuar um desejo que não sabe ainda se será possível, apesar de afirmar sua crença nele (um futuro melhor).

¹² Segundo Fiorin (1989, p. 52), “a embreagem é o mecanismo em que ocorre uma suspensão das oposições de pessoa, de tempo ou de espaço.”

mais recente: “Eu choro todas as noites durante dois anos”, em lugar de “[Quando cheguei à França,] eu chorava todas às noites...”. Essas embreagens indicam, assim, uma aproximação do marco temporal. Há que se observar ainda a debreagem interna (ou de 2º grau), mecanismo por meio do qual se dá voz, em primeira pessoa, a um outro ator para produzir um efeito de realidade. É o que ocorre com a fala da mãe de Gyongy Cojocarú, que aparece, no texto, em discurso direto: “Seremos mais felizes lá do que aqui.”. Nesse caso, o *lá* é a França; o *aqui*, a Romênia, mas, quando a situação se inverte e o *aqui* passa a ser a França (e o *lá*, a Romênia), a expectativa de felicidade não se concretiza.

Finalmente, do ponto de vista dos temas e figuras, podemos apreender dois percursos figurativos (PFs) antitéticos, que se relacionam, respectivamente, à Romênia e à França: um PF da harmonia, que encadeia figuras como *infância feliz, país maravilhoso, longas caminhadas nas montanhas, colher mirtilos e cogumelos, viver num apartamento, ter amigos*; e um PF do caos, que implica não apenas condições precárias de vida (figurativizadas pela *tenda*, em que ela mora, ou pela *favela*), mas também situações de discriminação/preconceito (temas concretizados, por exemplo, na figura do *roubo de bicicletas*, de que se acusa a estudante). Esse primeiro PF (positivo) é, de certa forma, retomado nas últimas linhas do texto, por meio da expectativa de um futuro melhor (por meio de figuras como *ir à escola e tornar-se advogada*), o que revela o discurso do senso comum, que toma o estudo como a porta de entrada para a ascensão social (e, no caso de Gyongy Cojocarú, para a recuperação da dignidade perdida).

Paralelamente, somos confrontados com a vida extremamente difícil do imigrante no país do outro, mesmo que seja num país cujo lema é Igualdade, Liberdade e Fraternidade... Isso, em última análise, mobiliza o *páthos* do público-leitor que, mais do que no relato anterior (o da moça síria), sente pena de uma pessoa que, ainda tão jovem, já enfrentou tantas mudanças radicais de vida (de país, de língua, de cultura...) e se solidariza com ela, talvez pelo fato de seu relato “carregar mais nas tintas” das dificuldades e dos desafios de adaptação a uma outra (nova) realidade do que o texto anterior.

Narrativa 3:

Si j'ai quitté la Guinée il y a deux ans, c'était pour sauver ma vie. Je me suis enfui au Mali, avant de rejoindre le Burkina Faso, le Niger et enfin la Libye. À Tripoli, ma mère m'a envoyé de quoi payer la traversée pour l'Europe. Ça m'a coûté 1 000 dinars libyens (650 €). Nous avons embarqué un matin, vers 4 heures. Nous étions près de 130 dans le bateau. Après 12 heures en mer, des marins italiens nous ont sauvés et emmenés à Lampedusa. J'ai réussi à rejoindre Paris et j'ai entrepris les démarches pour demander l'asile en France. Je voudrais prendre des cours pour améliorer mon français et trouver du travail plus facilement lorsque j'obtiendrai mes papiers. Je suis prêt à faire n'importe quel métier pour m'en sortir par moi-même. Aujourd'hui, je vis dans un squat à Montreuil avec des Maliens, des

Ivoiriens, des Burkinabés. Il n’y a pas d’eau, je me lave aux bains publics et je mange aux Restos du cœur. Je me sens souvent seul, c’est difficile de communiquer avec les autres. Ma famille me manque. J’ai un fils que je n’ai jamais vu, pas même en photo. J’aimerais qu’un jour il puisse me rejoindre.
(Madiba Kaba, réfugié)

O guineense, que se autodenomina simplesmente “refugiado”, focaliza, em primeiro lugar, a difícil travessia entre a Guiné e a França, distinguindo-se, nesse sentido, da produtora síria e da estudante romena. De fato, o relato começa já na partida: “[...] deixei a Guiné há dois anos” e assume contornos dramáticos com o “para salvar minha vida”, o que subentende que ele estaria sendo ameaçado/perseguido, de alguma maneira. Somos informados de detalhes como os lugares por onde passou (Mali, Burkina Faso, Nigéria, Líbia, Itália), quanto tempo e quanto dinheiro gastou, etc.

Se a vida a salvo de ameaças e/ou perseguições pode parecer minimizar os riscos de uma travessia perigosa, que, como se sabe, leva à morte muitos imigrantes/refugiados, isso, no entanto, não impede que Madiba Kaba reconheça que vive em situação precária (sem documentos, sem condições de higiene, etc.) e que se sinta só e triste por falta de trabalho e de relações familiares (“Sinto falta da minha família. Tenho um filho que nunca vi...”) e das muitas dificuldades de comunicação com os outros pelo não domínio da língua local (o que o leva a “querer melhorar o francês”)¹³. É desse modo que ele fala do presente e da possibilidade de, quanto obtiver asilo – e, conseqüentemente, documentos – arrumar um emprego (qualquer que seja) e viver em melhor situação. A volta ao país de origem – mesmo que pela lembrança – não parece ser uma opção para o guineense.

Do ponto de vista da teoria semiótica, mais especificamente, da sintaxe narrativa, iniciamos a análise, novamente, pela relação entre sujeito e objeto(s), já que um não existe sem o(s) outro(s). Aqui, porém, se a conjunção com um novo objeto França/vida na França assume, como na narrativa da estudante romena, valores negativos, a conjunção-disjunção anterior (com a Guiné/a vida na Guiné) parece implicar um objeto também, predominantemente, negativo (no qual se inscrevem valores como insegurança, ameaça, perseguição, etc.). Na relação com o sujeito, o O_{v1} Guiné torna-se um objeto proibido (*dever-não-ser*) e não desejável (*não-querer-ser*) ou mesmo nocivo (*querer-não-ser*), tanto que uma

¹³ Provavelmente, trata-se da Guiné Bissau, que tem como línguas o português (oficial) e o Crioulo da Guiné Bissau (reconhecido, mas não oficial). Porém, o fato de o país ser rodeado por países francófonos e de existir uma grande comunidade migrante vinda do Senegal e da Guiné (países de língua oficial francesa) têm levado os habitantes da Guiné Bissau a aprenderem o francês. Informações disponíveis em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Portugu%C3%AAs_da_Guin%C3%A9-Bissau>. Acesso em : 19 jul. 2016.

nova conjunção entre o sujeito de estado¹⁴ e o Ov família (mais especificamente, o filho que ele não conhece) implica uma possível vinda desta para a França, indicada, porém, como algo remoto: “Gostaria que um dia ele pudesse juntar-se a mim”.

O guineense, assim, vivencia a paixão da saudade (da família) – mas não do país (como a produtora síria) – e uma certa frustração, que parece prolongar-se em mágoa, em relação ao filho que não conhece. Ao mesmo tempo, sente tristeza por estar só, sem amigos (dadas as suas dificuldades de comunicação em francês) e sem documentos (por ter o *status* de refugiado), o que o impede de conseguir trabalho (está disposto a aceitar qualquer um). Tem, porém, a esperança, de que o asilo poderá minimizar suas perdas e mazelas, embora a questão familiar permaneça em aberto (como uma quase impossibilidade, conforme já mencionamos).

No que tange às projeções da enunciação no enunciado, o *eu* que (se) conta divide a narrativa em dois momentos: a fuga do país de origem (o antes) e a nova vida em Montreuil, subúrbio próximo de Paris (o agora). Ao iniciar a narrativa com “Deixei a Guiné há dois anos”, Madiba Kaba fala a partir de um *eu* e de um *agora* (debreagens enunciativas de pessoa e de tempo), referindo-se a um *lá* – a Guiné (debreagem enunciativa de lugar). Porém, logo em seguida, instala-se no passado (na concomitância ao momento da fuga) e faz uso de debreagens temporais enuncivas (sinalizadas pela presença do pretérito perfeito 2 e do pretérito imperfeito), embora mantenha a debreagem enunciativa de pessoa (*eu*).

Terminado o relato da fuga, volta ao presente da enunciação e ao pretérito perfeito 1 (sistema enunciativo), a não ser pelos trechos no futuro do pretérito (sistema enuncivo) para marcar aquilo que é da ordem do desejo (e não da certeza): “Eu gostaria de fazer cursos para melhorar meu francês e [gostaria] de encontrar trabalho...”; “Eu gostaria que ele [o filho] um dia se juntasse a mim”, num uso que sugere a presença da embreagem como mecanismo de atenuação (“gostaria” em lugar de “quero”/ “desejo”). O *lá*, por sua vez, diferentemente das outras narrativas, não se resume ao país de origem (no caso, a Guiné), mas a um conjunto de lugares inseridos na rota de fuga entre a Guiné e a Itália, que se distinguem do aqui (em Montreuil, França). Em termos de dificuldades, o *lá* e o aqui parecem, portanto, equivaler-se.

A fala do refugiado guineense, em linhas gerais, incide sobre seu trajeto até a França e, num segundo momento, sobre sua nova (e triste) vida, após a fuga. Temos, então, dois PFs negativos que predominam (e não entitéticos como no relato da estudante romena). Figuras

¹⁴ Lembramos que, enquanto o sujeito de fazer é responsável pela ação, o sujeito de estado é aquele que entra em junção (conjunção ou disjunção) com o Ov. Esses actantes do nível narrativo podem ser sincretizados num mesmo ator do nível discursivo, como, por exemplo, em: “João se matou”.

como *fugir para Mali, chegar a Burkina Faso...*, *pagar/custar 1000 dinares líbios (650) euros, atravessar Europa, embarcar, resgatar* remetem ao PF da periculosidade (da rota de fuga até a França); figuras como *viver num squat em Montreuil, lavar-se nos banheiros públicos, comer em restaurantes de caridade ; não se comunicar com os outros, etc.*, encadeia-se no PF da precariedade. Esses dois PNs se articulam para desvelar a face negativa da imigração, desde a instauração da sua necessidade até a chegada (e a adaptação) ao destino final.

Vamos à quarta e última narrativa de vida: a do (ex)engenheiro argelino Salem Ali.

Narrativa 4:

Je suis né en Algérie. J’y ai fait toutes mes études pour devenir ingénieur en bâtiment. Ma femme est éducatrice spécialisée. J’ai cinq enfants, trois garçons et deux filles. L’un d’entre eux est sourd et souffre de troubles autistiques. En Algérie, il ne pouvait pas être pris en charge. C’est la raison pour laquelle nous sommes venus en France, dans l’espoir de le faire soigner. J’aimerais travailler pour faire vivre correctement mes enfants, mais je n’ai pas de papiers. Les Français ont du mal à trouver du travail, je sais ça, mais je me suis dit qu’avec mes compétences, je pouvais être utile à la France. Aujourd’hui, nous vivons sur le salaire de ma femme, qui fait des ménages. Pour manger, il nous arrive d’aller à la soupe populaire. Médecins du Monde nous a aidés à bénéficier de l’aide médicale d’État. Je suis triste parce que mes enfants m’ont toujours connu très actif et travailleur. J’étais un modèle pour eux mais plus maintenant. Je suis souvent venu en France dans le cadre de mon travail. J’aime ce pays. Pourtant, l’accueil n’a pas toujours été facile. Certaines personnes nous ont dit : « Votre pays est riche ! Rentrez chez vous ! » Il y a même quelqu’un qui nous a montré une carte de l’Algérie en nous disant : « Votre place est ici. » (**Salem Ali, ingénieur**)

Essa narrativa guarda muitas semelhanças com a segunda (a da estudante romena), pois de uma vida decente no país de origem (Argélia), onde era “ativo e trabalhador”, o sujeito, também motivado por um problema (no caso, um filho surdo e autista que precisa de tratamento adequado), imigra para a França, onde se torna um *sans papiers*. Como tal, ele passa a viver de forma precária: vê-se impedido de trabalhar, sendo sustentando pela esposa (uma educadora especializada que se torna faxineira) e pela caridade alheia (dos Médecins du Monde e daqueles que distribuem a sopa popular). Também como na narrativa 2, o sujeito se diz triste, devido à “acolhida, que nem sempre foi fácil”, e se sente discriminado por outros sujeitos, que lhe mostram que o lugar do imigrante/refugiado é seu país de origem, independentemente das razões que o levaram à mudança, como podemos ver nas linhas finais do texto. Essa situação se torna ainda mais dramática quando somos informados de que, na condição de engenheiro que veio a trabalhar em outras (frequentes) ocasiões à França, Salem Ali era bem recebido, o que o leva a afirmar que ama a França, apesar de tudo (e diferentemente dos demais: a produtora síria, a estudante romena e o refugiado guineense).

Grosso modo, temos a mesma relação de conjunção-disjunção com o Ovl país de

origem, seguida de uma outra conjunção com o Ov2 país da imigração (França), com a diferença de que o sujeito que aqui (se) conta não vai rumo ao desconhecido (como os outros), mas a um país que já visitou inúmeras outras vezes como engenheiro. Talvez por isso sua expectativa de acolhimento fosse maior (afinal, ele abandonou tudo o que tinha na Argélia, disjuntando-se de valores como tranquilidade e segurança – inclusive financeira). Porém, na condição de refugiado/imigrante, ele se torna um “sem documentos” (*sans papiers*) e, conseqüentemente, um “sem lugar” na sociedade francesa, apesar de ter uma profissão, ser competente e, como tal, poder “ser útil à França” (como já o foi em outras ocasiões).

Daí, uma certa decepção que perpassa o relato. Lembremos que diferentemente da frustração que ocorre pela não obtenção de um Ov desejável e/ou necessário, a decepção implica a perda da confiança investida na relação com outros sujeitos. Nesse caso, porém, ao invés de a decepção se intensificar por um “*sentimento de falta*, definido como o /querer-ser/ em conflito com o /saber-não-ser/ e com o /crer-não-ser/ e característico de uma crise de confiança”, que poderia levar o sujeito a um programa de liquidação dessa falta pela vingança ou pela revolta, ele simplesmente se resigna (BARROS, 2002, p. 64-65, grifo do original). Tanto que, a despeito das dificuldades que enfrenta como refugiado/imigrante ou da tristeza que sente pela perda da dignidade (afinal, ele era um “modelo” para os filhos e agora não pode mais sustentar a família, vive de caridade, etc.), o sujeito continua vendo na França um Ov desejável (modalizado pelo *querer-ser*).

Do ponto de vista das projeções da enunciação no enunciado, mantém-se, em toda a narrativa, como nas demais, uma debreagem actancial enunciativa (*eu*), o que não surpreende em se tratando de uma “*mise en scène de soi*” – uma “encenação de si” (DELORMAS, 2013). Como explica Lyzardo-Dias (2016), a autora usa essa expressão para se referir “ao engendramento dos diferentes elementos que compõem o dispositivo mobilizado pelo sujeito para narrar/construir sua trajetória de vida”. No nosso entender, o uso do “eu” em narrativas de vida como estas faz parte do dispositivo projetado pelo enunciatador para se dar a conhecer e para agir sobre o *páthos* do enunciatário.

As oposições habituais entre o aqui/agora (enunciativos) e o lá-então (enuncivos) também se fazem presentes. Nas seis primeiras linhas, alternam-se debreagens enunciativas e enuncivas de tempo e espaço. É no trecho que começa com *aujourd’hui* (hoje) que o enunciatador se concentra mais diretamente na sua situação atual (a do aqui/agora) e faz uso de debreagens internas (ou de 2º grau), quando reproduz a fala de outrem em discurso direto (três últimas linhas), de modo a criar um efeito de sentido de fidedignidade, de autenticidade da discriminação que sofre(u) em terra alheia.

Finalmente, quanto aos temas e figuras, a exemplo da análise da narrativa 2 (a da estudante romena), vemos dois PFs antitéticos: o do antes/na Argélia, que poderíamos denominar PF da dignidade, tema esse que podemos reconhecer em figuras como *fazer os estudos, tornar-se engenheiro civil, muito ativo e trabalhador, modelo, vir à França, no quadro do (meu) trabalho* ; e o do agora/na França, que poderíamos chamar de PF da perda da dignidade/da discriminação, em que se encadeiam, por exemplo, figuras como *sem documentos, não dar uma vida digna aos filhos, sobreviver de faxinas (do salário da mulher), sopa popular, ajuda médica do Estado*. Unindo as duas pontas (os dois PFS), encontra-se a doença/necessidade de tratamento do filho, acontecimento que desencadeou a mudança.

PARA TERMINAR...

Comparando as quatro narrativas de vida entre si, podemos pensar em regularidades (invariantes) que responderiam por uma espécie de “núcleo sêmico comum” do discurso do imigrante/refugiado que, “materializado” em textos, permite, porém, que cada um deles guarde suas especificidades em relação aos outros. Como afirma Fiorin (1988, p. 15), se o discurso é o lugar do social (de temas e figuras que compõem as formações discursivas dominantes numa determinada sociedade de uma dada época), a textualização é individual, ou seja, varia de pessoa para pessoa. Daí termos narrativas de vida muito diferentes entre si, que, no entanto, são formas de manifestar um mesmo discurso.

Assim, o discurso do participante da exposição *Ouvrons les portes*, que julgamos representativo do discurso do imigrante/refugiado em geral, esteia-se na categoria semântica de base: identidade vs. alteridade, ou, dito de outra forma, entre um *nós* (os legítimos habitantes) e um *eles* (os outros, aqueles que não pertencem – por direito – ao país; os “sem tudo”: sem teto, sem papéis, sem voz, sem dignidade...). Como mostra Charaudeau (2015), nossa identidade se constrói sobre um paradoxo: precisamos do *outro* na sua diferença para tomar consciência de nossa existência, mas, ao mesmo tempo, desconfiamos dele, sentimos a necessidade, seja de rejeitá-lo, seja de torná-lo semelhante a nós para eliminar essa diferença.

Do ponto de vista das junções (nível narrativo), o movimento conjunção-disjunção (com o país de origem)-conjunção (com um novo país) é constante. E não poderia ser de outra forma, já que esse movimento sintetiza a própria ideia de imigração. E, se para o sujeito, o país de origem nem sempre é um Ov positivo (embora ele o seja em muitos casos, levando o imigrante/refugiado a assumir uma atitude saudosista), o certo é que o novo país é um Ov negativo, seja porque implica a falta de condições mínimas para uma vida decente,

seja porque não é um espaço desejável, mas apenas necessário, diante do que foi a vida no país de origem (feliz, tranquila, etc.). A presença de “paixões”, como a tristeza, a sensação de desamparo e, não raro, a nostalgia de um passado perdido no tempo, também são recorrentes nos textos analisados, contrapondo-se, com frequência, à alegria, à felicidade de outrora.

A debreagem actancial predominante é a enunciativa : em todas as narrativas é um *eu* que (se) diz. Isso, obviamente, tem a ver com a finalidade maior da própria exposição: “dar voz aos mais vulneráveis”, para que eles, no caso, os imigrantes/refugiados, expusessem ao mundo as mazelas de ser o *outro* em terra estrangeira. Já no que diz respeito ao tempo e ao espaço, alternam-se debreagens enunciativas (do aqui/agora) e enuncivas (do lá/então). Finalmente, quanto aos PFs, de forma compatível, portanto, com o que observamos no nível narrativo, a trajetória do enunciador no novo país é marcada por figuras (e temas) negativos(as), que remetem ao caos, à desarmonia, à falta de dignidade, chegando, muitas vezes, à discriminação e ao preconceito.

Eis, em linhas gerais, o discurso do imigrante/refugiado que cada texto, cada narrativa de vida textualiza à sua maneira. Se essas conclusões parecem um tanto óbvias, as narrativas de vida encarregam-se de resgatar o grau de dramaticidade que a situação requer. Afinal, não é a mesma coisa ler notícias e reportagens em que especialistas, autoridades e porta-vozes falam de/pelos imigrantes/refugiados e ler (ouvir) o que eles próprios – os habitualmente “despossuídos de fala” ou os *sans paroles*, para usarmos uma expressão de Dominique Ducard (2015) – têm a dizer de si, do outro, do mundo. Abram os ouvidos e as mentes aos apelos do outro: não apenas do outro imigrante/refugiado, mas de todos aqueles que vivem à margem de uma sociedade que a ideologia dos grupos dominantes faz crer “normal”: os moradores de rua, os negros, os índios, os homossexuais e tantos outros.

Recebido em: maio de 2017
Aprovado em: junho de 2017
gmplara@gmail.com

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, L. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.
- BARROS, D. L. P. de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Humanistas/FFLCH-USP, 2002.

- BARROS, D. L. P. Intolerância, preconceito e exclusão. In: LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. (Orgs.). *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 61-78.
- BARTHES, R. *Le Grain de la voix*. Entretiens 1962-1980. Paris: Seuil, 1981.
- BERTAUX, D. *Le récit de vie*. Paris: Armand Colin, 2005.
- CHARAUDEAU, P. *Langage et discours*. Paris: Hachette, 1983.
- CHARAUDEAU, P. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.
- CHARAUDEAU, P. Identidade linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal. In: LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. (Orgs.). *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 13-30.
- DELORMAS, P. *De l'autobiographie à la mise en scène de soi*. Le cas Rousseau. Paris: Lambert-Lucas, 2013.
- DUCARD, D. Dar a palavra: da reportagem radiofônica à ficção documental. In: LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. (Orgs.). *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 109-128.
- FIORIN, J. L. *O regime de 64: discurso e ideologia*. São Paulo: Atual, 1988.
- FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 1989.
- FIORIN, J. L. A semiótica discursiva. In: LARA, G. M. P. et al. (Orgs.). *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. v. 1., p. 121-144.
- LARA, G. M. P. *Semiótica discursiva: questões teóricas e metodológicas*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012.
- LARA, G. M. P.; MATTE, A. C. F. *Ensaio de semiótica: aprendendo com o texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. (Orgs.). *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015.
- LYZARDO-DIAS, D. Narrativas de moradores de rua nas mídias sociais. In: *Revista de Estudos da Linguagem*. 2016, vol. 24, (3), p. 989-1013.
Disponível em:
<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/issue/view/513>>. Acesso em: 14 jul. 2016.
- MACHADO, I. L. Histórias discursivas e estratégias de captação do leitor. In: *Diadorim*. Rio de Janeiro, 2011, vol. 10, p. 59-74.
- MACHADO, I. L. *Percursos de vida que se entremeiam a percursos teóricos*. Projeto de Pesquisa CNPq, 2013.
- MACHADO, I. L. Narrativa de vida e construção de identidade. In: LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. (Orgs.). *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 129-142.

MACHADO, I. L. Narrativa de vida: um espaço de liberação para vozes femininas? In: MACHADO, I. L.; SANTOS, J. B. C.; NUNES DE JESUS, S. (Orgs.). *Análise do discurso. Afinidades epistêmicas franco-brasileiras*. Curitiba, PR: CRV, 2016. p. 12-22.

MACHADO, I. L.; LESSA, C. H. Reflexões sobre o gênero narrativa de vida do ponto de vista da análise do discurso. In: JESUS, S. N.; SILVA, S. M. R. da (Orgs.). *O discurso & outras materialidades*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. v. 1., p. 102-122.

SALMON, C. *Storytelling, la machine à fabriquer des histoires et à formater les esprits*. Paris: La Découverte, 2007.

TURPIN, Béatrice. A discriminação dos ciganos na imprensa francesa. In: LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. (Orgs.). *Representações discursivas do outro: discurso, (des)igualdade e exclusão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 117-134.

ZILBERBERG, C. Louvando o acontecimento. In: *Revista Galáxia*. São Paulo, jun. 2007, (13), p. 13-28.